

EXPERIÊNCIA NO ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: CONSTRUINDO PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariza da Costa Pereira Soares¹

¹Professora de Educação Infantil de São Gonçalo do Amarante, E-mail:
marizadacosta16@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil com foco no ensino das relações étnico-raciais. A proposta partiu da compreensão de que a infância é um período importante para a formação de valores, percepções e atitudes diante da diversidade, o que exige ações pedagógicas conscientes e bem planejadas. As atividades foram organizadas por meio de diferentes linguagens, como literatura infantil, artes visuais, música, rodas de conversa e propostas lúdicas, com o objetivo de valorizar as diferenças e promover o reconhecimento positivo das identidades. Essas estratégias foram escolhidas considerando as características das crianças pequenas, respeitando suas formas de expressão, interação e aprendizagem. A experiência foi realizada com turmas de creche, compostas por crianças de 2 a 4 anos de idade, em um contexto que priorizou a ludicidade, a escuta atenta e a mediação intencional da professora. As propostas buscaram contribuir para a construção de referências positivas sobre a diversidade étnico-racial, fortalecendo a autoestima, o respeito às diferenças e atitudes mais inclusivas desde a primeira infância. Além disso, o trabalho procurou trazer a temática ao dia a dia da escola, evitando que fosse tratada apenas em datas comemorativas, reforçando a importância de abordar a temática de forma contínua na Educação Infantil.

Palavras-chave: Étnico-Raciais. Educação Infantil. Relato de experiências. Antirracista.

Introdução

Este escrito apresenta um relato de experiência que tem como objetivo analisar e divulgar práticas pedagógicas voltadas às questões étnico-raciais, desenvolvidas no ano de 2025 em turmas de Educação infantil, primeira etapa da Educação Básica que representa um momento essencial para o desenvolvimento integral das crianças. É nesse período que elas têm os primeiros contatos com o universo letrado e começam a desenvolver habilidades fundamentais, como a cognição, a coordenação motora, a sociabilidade, o controle emocional, entre outras. Diante disso, propõe-se aqui uma reflexão crítica sobre os desafios e os impactos formativos dessas práticas e vivências realizadas, fundamentada em teóricos que pesquisam e discutem sobre esta temática.

A educação das relações étnico-raciais ganhou espaço no currículo escolar através da implementação da Lei 10.639/2003, abrindo caminho para a construção de uma educação

antirracista, o que representou um avanço na educação brasileira ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar. Ao modificar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), essa lei contribuiu para o reconhecimento da importância histórica dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade. Nesse contexto, a educação das relações étnico-raciais ganha destaque como um instrumento para a valorização da diversidade e o combate às desigualdades. Assim, a abordagem dessas temáticas deve ocorrer de forma contínua e integrada ao currículo, promovendo uma formação crítica e inclusiva.

Diante disso, as escolas vêm buscando inserir essa temática no cotidiano da sala de aula de forma significativa, por meio de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e promovam uma reflexão sobre as relações étnico-raciais, desenvolvendo ações que contribuam para a formação de sujeitos conscientes e comprometidos com o respeito e a equidade social.

Nesse sentido, a busca por estratégias fundamentais para a construção de uma educação antirracista motivou o desenvolvimento desse trabalho, desenvolvendo reflexões sobre práticas pedagógicas voltadas à valorização da cultura afro-brasileira e africana no contexto escolar. Alinhado aos princípios estabelecidos pela Lei 10.639/2003, o presente relato de experiência apresenta as vivências ocorridas em turmas de Educação Infantil, evidenciando a importância de ações contínuas e intencionais, capazes de fortalecer uma educação crítica, inclusiva e comprometida com a formação cidadã.

Para este trabalho, dialogamos com autores que abordam a temática das relações étnico-raciais e da formação humana na Educação Infantil, buscando fundamentar teoricamente as discussões apresentadas ao longo do relato de experiência. Desse modo, pautamo-nos estudos e contribuições de Cavalleiro (2000), que possibilitam compreender como o racismo pode se manifestar desde a infância e como o silêncio institucional contribui para sua manutenção. Munanga (2004) e Gomes (2005) abordam o debate da identidade negra, pertencimento e a formação de professores que apoiam a educação antirracista. Em Silva (2020), compreendemos a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas que contemplem as relações étnico-raciais desde a Educação Infantil.

Além disso, as reflexões estão pautadas na Lei nº 10.639/2003, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e na Base Nacional Comum Curricular (2018), documentos que orientam a diversidade e o respeito no contexto educacional.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa, realizada em turmas de Educação Infantil. O trabalho foi

desenvolvido no período de março de 2025 a novembro de 2025, a partir das práticas pedagógicas vivenciadas em sala com as crianças. As propostas foram planejadas, respeitando as especificidades e considerando o desenvolvimento integral das crianças. Os registros das vivências foram realizados por meio de fotografias e da elaboração de portfólios semestrais. Esses instrumentos possibilitaram acompanhar o processo de aprendizagem das crianças, refletindo sobre os avanços e aprendizagens desenvolvidas. A análise das vivências ocorreu de forma reflexiva, buscando compreender as contribuições das experiências no contexto educativo. No tópico seguinte, apresentamos detalhadamente a descrição da experiência, as atividades realizadas, os objetivos propostos e os resultados observados durante as aulas.

Desenvolvimento

A formação antirracista na Infância

A formação antirracista na infância constitui-se como uma prática educativa que deve ser comprometida com a transformação social, exigindo da escola e dos educadores uma postura ativa diante das desigualdades raciais, não se limitando apenas ao discurso, mas se materializando em ações concretas, nas interações lúdicas e na valorização das identidades das crianças. É na infância que se constroem as bases do modo como as crianças percebem o mundo, do eu, do outro e do nós. Desde muito cedo, elas observam, interpretam e reproduzem comportamentos, valores e crenças presentes em seu meio social. Por isso, ignorar o racismo nesse momento não significa protegê-las, mas permitir que desigualdades e preconceitos sejam naturalizados.

Como destaca Vygotsky, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo por meio do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (Vygotsky, 2007, p. 100), dito isto, corroboramos que o desenvolvimento infantil ocorre nas interações sociais. Isso significa que as crianças aprendem não apenas conteúdos, mas também atitudes, formas de se relacionar e de interpretar as diferenças. Se convivem em ambientes onde o racismo é reproduzido, tendem a incorporar essas práticas. Por outro lado, quando são inseridas em contextos ou ambientes que valorizam a diversidade e promovem o respeito, constroem relações mais justas e respeitosas.

Nesse sentido, a formação antirracista é essencial para o desenvolvimento da identidade, especialmente das crianças negras. A ausência de representatividade positiva pode gerar sentimentos de inferioridade e baixa autoestima. Como aponta Gomes (2005), a escola tem papel central na valorização das identidades e na construção de uma educação que

reconheça e respeite as diferenças. Quando a criança se sente representada de forma positiva nos materiais, nas histórias e nas práticas pedagógicas, ela fortalece sua imagem, seu pertencimento e sua autoconfiança.

A educação antirracista beneficia todas as crianças, não apenas as que sofrem diretamente com o racismo, pois é importante aprender desde cedo sobre respeito, justiça e equidade, para desenvolver empatia e senso crítico, formando cidadãos conscientes e comprometidos com uma sociedade mais igualitária.

No contexto brasileiro, essa formação torna-se ainda mais urgente. Como afirma Munanga (2004), o racismo no Brasil muitas vezes se manifesta de forma velada, o que dificulta seu enfrentamento. Por isso, é necessário nomeá-lo, discuti-lo e combatê-lo desde cedo, rompendo com a ideia de que falar sobre racismo não é coisa de criança. Pois, é na infância que se abre a possibilidade de construir novas formas de convivência. Dessa maneira, a formação antirracista na infância é uma necessidade, ela contribui para a construção de uma educação mais inclusiva, de modo que fortalece identidades, promove relações respeitadas e prepara as crianças para viverem em uma sociedade diversa.

Contextualizando a experiência

A experiência foi realizada em duas turmas de creche, infantil 2 e infantil 3, compostas por crianças entre 2 e 4 anos de idade, em uma instituição pública municipal de ensino localizada no município de São Gonçalo do Amarante, no estado do Ceará.

Considerando as especificidades da faixa etária, o trabalho pedagógico foi planejado de forma lúdica, sensorial e interativa, respeitando os tempos e modos próprios de aprendizagem das crianças pequenas. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), as experiências nessa etapa devem articular o cuidado e a educação, promovendo interações e brincadeiras, que são considerados eixos estruturantes do currículo.

Mensalmente, foi instituído pela escola um dia específico para o desenvolvimento da temática “Diversidade Cultural”, com ênfase nas culturas de matrizes africanas e indígenas. Embora houvesse esse momento de destaque no calendário pedagógico, buscou-se garantir que as discussões não se restringissem a uma abordagem pontual ou comemorativa, mas que dialogassem também com as práticas cotidianas, conforme ia havendo oportunidade.

Os eixos norteadores das ações foram principalmente sobre identidade, cultura afro-brasileira e indígena, valorização e respeito às diferenças. Ainda que crianças entre 2 e 4 anos estejam em processo inicial de socialização e construção da linguagem verbal, observou-se que

já manifestavam percepções acerca das diferenças físicas, especialmente relacionadas à cor da pele e ao cabelo.

Nesse sentido, as intervenções pedagógicas priorizaram experiências com foco nas múltiplas linguagens, bem como em vivências concretas e sensoriais, como exploração de diferentes tonalidades de tinta para representação da pele, contato com bonecas e bonecos diversos, escuta de músicas de matrizes africanas, vivências com grafismos indígenas e contação de histórias com protagonistas negros e indígenas.

De acordo com Cavalleiro (2000), o racismo pode se manifestar desde a primeira infância, especialmente quando a instituição silencia diante de situações discriminatórias. Assim, mesmo em turmas de creche, a mediação docente e a escolha em explorar essa temática é essencial para nomear diferenças de maneira positiva e construir significados pautados no respeito, empatia e diversidade.

Além disso, conforme argumenta Gomes (2005), a construção da identidade negra inicia-se muito cedo, sendo influenciada pelas referências simbólicas vivenciadas no ambiente escolar. Ao ampliar a representatividade no dia a dia da creche, buscou-se favorecer experiências de reconhecimento e pertencimento.

O desenvolvimento do projeto voltado à valorização das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas na Educação Infantil constituiu-se como prática pedagógica intencional, comprometida com a promoção da equidade, do respeito às diferenças e da construção de uma educação antirracista e intercultural desde os primeiros anos escolar. Considerando que a infância é etapa estruturante na formação da identidade, torna-se fundamental que o ambiente escolar proporcione experiências que ampliem o repertório cultural das crianças e fortaleçam o reconhecimento positivo das múltiplas identidades presentes em nossa sociedade.

Destacamos aqui, as contações de histórias realizadas, das obras “Menina Bonita do Laço de Fita”, apresentada por meio de palitoches, “A lenda da Vitória Régia”, os quais utilizamos recursos visuais, bonecos e materiais não-estruturados, “O Menino de Todas as Cores” com imagens e músicas, e “O Cabelo de Lelê”, explorado a partir do próprio acervo do livro, esse momentos de leitura e imaginação constituem-se como eixo estruturante das reflexões propostas, que possibilitou diálogos com as crianças sobre identidade e respeito as diferenças entre as pessoas.



Imagem 01. Recurso da história Menina Bonita do laço de Fita.



Fonte: Própria (2025)

A mediação da história retratada nessa imagem, por meio do uso de recursos visuais como os palitoches, favoreceu a participação ativa das crianças, despertando o interesse, a imaginação e a escuta atenta. Esse momento oportunizou para elas a ampliação da oralidade, o desenvolvimento de habilidades comunicativas e a construção coletiva de sentidos e significados. Além disso, a escolha de personagens diversos contribui para o diálogo sobre identidade e valorização das diferenças, promovendo reflexões importantes desde a infância. Essa prática fundamentou-se em uma perspectiva que a aprendizagem ocorre por meio das interações.

Sobre as práticas e experiências artísticas realizadas, destacamos a atividade de autorretrato, pois as crianças exploraram a própria imagem por meio do uso do espelho, observando características como a cor dos olhos, da pele e do cabelo. Em seguida, reconheceram a si mesmas e aos colegas por meio de fotografias impressas, possibilitando a percepção das diferenças e singularidades presentes na turma. Embora os desenhos, nessa faixa etária, ainda se encontrem em estágios iniciais, marcados por rabiscos e formas circulares, as crianças conseguiram expressar no papel, sua própria imagem e características físicas pessoais. Durante a atividade, algumas das falas das crianças evidenciaram esse processo de reconhecimento, como ao apontarem seus desenhos e afirmarem: “Tia, esse é meu cabelo preto” ou “Tia, o cabelo da Laura é marrom”.

Essa experiência favoreceu o desenvolvimento da identidade, da percepção de si e do outro, além de contribuir para a o reconhecimento das diferenças, respeitando o tempo e as formas de expressão próprias de cada criança. Em consonância com a Base Nacional Comum Curricular, destaca-se a importância de promover experiências que possibilitem às crianças conhecerem a si mesmas e ao outro, valorizando suas características e identidades, no âmbito dos campos de experiências relacionados ao “Eu, o outro e o nós” (Brasil, 2018).

Além dos aspectos relacionados à construção da identidade, a proposta também contemplou o campo de experiências “Traços, sons, cores e formas”, por meio da atividade, já que as crianças tiveram a oportunidade de explorar cores, traços e formas ao representarem suas características pessoais, realizadas por meio do desenho. Durante a atividade, ainda observaram e selecionaram cores para representar elementos como pele, cabelo e olhos, ainda que de forma inicial e simbólica. Os registros produzidos, composto por rabiscos e formas simples, revelaram importantes avanços no desenvolvimento da percepção visual e da criatividade.

Outra prática desenvolvida com as crianças teve como foco o conhecimento da cultura africana, por meio da exploração dos grafismos africanos. Inicialmente, foram disponibilizadas imagens impressas para observação, possibilitando o contato visual com diferentes formas, cores e traços. A partir dessa observação, as crianças foram convidadas a reproduzir os grafismos utilizando palitos de picolé como suporte para suas criações. Cada criança realizou a própria pintura, explorando cores, traços e desenhos de maneira livre, utilizando canetinhas, pincéis e tinta guache. Posteriormente, os trabalhos foram colados para a construção de um painel coletivo.

Imagem 02. Representação de Grafismos Africanos.



Fonte: Própria (2025)

A proposta foi muito significativa, pois favoreceu o reconhecimento e a exploração das cores, além de possibilitar que as crianças expressassem suas definições sobre os grafismos. Também promoveu o contato com elementos da cultura africana, contribuindo para a valorização da diversidade cultural. Experiências como essa, sob a perspectiva de Munanga (2004), reconhecem e valorizam as contribuições culturais africanas como dimensão essencial na superação de práticas discriminatórias historicamente enraizadas na sociedade brasileira.

Outra proposta desenvolvida envolveu a participação das famílias, auxiliando na confecção de instrumentos musicais de origem africana, realizados em casa junto às crianças e posteriormente socializados em sala de aula, cada um trouxe um instrumento construído com materiais não-estruturados, como garrafas e latas. Esses materiais foram trazidos para a sala com o objetivo de compartilhar as experiências vivenciadas em família, valorizando o processo de construção e fortalecendo os vínculos entre escola e comunidade. A atividade possibilitou momentos de interação, troca e exploração coletiva, as crianças puderam apresentar seus instrumentos e explorar os sons produzidos por eles. Além disso, a proposta envolveu o campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos”, permitindo que as crianças explorassem sons e movimentos a partir dos instrumentos africanos confeccionados, promovendo experiências significativas, envolvendo ainda a criatividade e valorização cultural.

Ainda sobre a participação das famílias realizou-se também um piquenique indígena, com a apresentação e degustação de alimentos de origem da culinária dos povos indígenas, como mandioca, milho, frutas, dentre outros. Essa vivência teve como objetivo ampliar o conhecimento das crianças sobre os modos de vida indígenas, destacando a relação respeitosa desses povos com a natureza e com a coletividade. Tanto é que o piquenique aconteceu em um Jardim Botânico da cidade. A proposta do piquenique não se restringiu à alimentação, mas constituiu-se como experiência cultural, envolvendo diálogo sobre costumes e respeito. Tal prática favorece o reconhecimento da diversidade étnica e cultural brasileira, além de contribuir para a desconstrução de estigmas historicamente associados aos povos originários. Nesse sentido, a proposta está em consonância com a valorização da diversidade e do respeito às diferenças.

Desse modo, o uso das múltiplas linguagens, da arte, da música, de experiências sensoriais e vivências culturais como o piquenique indígena, enriqueceu o projeto que reafirma a necessidade dessa abordagem curricular contínua desde a infância, para que valores como respeito e empatia sejam enraizados na Educação Infantil, formando sujeitos críticos, e conscientes, a fim de termos uma sociedade mais justa e igualitária.

As crianças pertencem a contextos diversos, com distintas origens familiares, religiosas, sociais e étnico-raciais. Por isso, é fundamental que as práticas pedagógicas reconheçam e respeitem essa diversidade no cotidiano escolar. Nesse sentido, torna-se necessário desenvolver ações educativas contínuas que abordem as relações étnico-raciais desde cedo, considerando que há a necessidade de práticas que contemplem essa temática na Educação Infantil (Silva, 2020, p. 74).

CONCLUSÕES

A experiência desenvolvida permitiu compreender que a educação das relações étnico-raciais na Educação Infantil constitui uma tomada de posição crítica, reflexiva e política frente às desigualdades que estruturam a sociedade brasileira. Ao se colocar numa posição antirracista, o docente assume uma prática mais crítica e comprometida com a equidade social. Nessa perspectiva, a prática antirracista ainda necessitou de estudo contínuo, revisão de concepções, reflexão e avaliação sobre as práticas desenvolvidas. À luz do pensamento de Paulo Freire, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, pois é na análise rigorosa do próprio fazer pedagógico que o educador se constitui como sujeito ético e político. Para o autor, não há docência sem discência, nem prática educativa neutra, pois toda ação pedagógica tem uma intencionalidade. O exercício da autorreflexão tem uma dimensão ética da docência, exigindo coerência entre teoria e prática, bem como compromisso com a transformação da realidade (Freire, 1996).

Além disso, a experiência reforçou a necessidade de compreender a Educação Infantil como etapa fundamental na consolidação de valores. As crianças envolvidas consideradas bem pequenas perceberam diferenças físicas e elaboraram interpretações sobre o mundo social, respeitando e valorizando a diversidade, o que contribuiu para a formação identitária de cada um, fortalecendo atitudes de empatia e respeito.

Concluimos que a experiência mostrou que é possível trabalhar a educação das relações étnico-raciais no cotidiano da Educação Infantil, sem que isso aconteça apenas em datas comemorativas ou momentos isolados. A prática evidenciou o diálogo e a mediação pedagógica intencional fazem a diferença na forma como as crianças constroem sua identidade. Percebeu-se que, quando a diversidade é abordada de maneira planejada e respeitosa, contribui para fortalecer a autoestima, o respeito a diferenças e a valorização de cada criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores.** Brasília: MEC, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Flávia Carolina da. Educação das relações étnico-raciais na Educação Infantil: caminhos necessários para uma educação antirracista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 33, p. 66–84, jun.–ago. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP